



A NOVA INTIFADA DE RAMZI

Música no lugar das pedras

É a criança no poster a atirar uma pedra.

É o adulto que toca uma suite de Bach na sua viola.

Ramzi Aburedwan foi um ícone da primeira Intifada palestina. Passou a infância a atirar pedras.

Agora anda pela Palestina a levar música às crianças que cresceram como ele, em campos de refugiados.

**Estado Palestino
INDEPENDIENTE**



Mozart num “souk” palestino, em noite de quarto crescente. A voz da soprano eleva-se, delicadíssima, até ao silêncio. E então, na pausa em que ela respira, ouve-se o bruí de dezenas de milhares de pessoas.

Judeus religiosos, ortodoxos, ultra-ortodoxos, unidos em oração contra a retirada de Gaza, cinco dias antes do ultimato.

Estão a passos daqui e noutra mundo, como só é possível na Cidade Velha de Jerusalém. Rezam, cantam, choram, diante do Muro das Lamentações, com as suas muitas crianças, todas as que Deus dá, para acrescentar mais e mais judeus à Terra Prometida, a Grande Israel onde um colono em Gaza é um judeu em casa.

Chegaram antes do crepúsculo, por todas as portas da velha Jerusalém. Muitos atravessaram o bairro muçulmano, em marcha firme. Passaram à porta deste “souk”, com a Torah nas mãos como um tambor. Gush Katif... Gush Katif...

Quando a lua começou a subir, eram uma massa apertada frente ao muro, um coro fervoroso ecoando as palavras de três rabis. E muitos outros se empurravam para entrar na praça.

Quem saísse, abrindo caminho a custo na direcção do bairro muçulmano, encontraria o “souk” Al Qattanin do lado direito, com uma barreira da polícia israelita, reforçada para impedir o acesso dos manifestantes judeus. E do lado de lá da barreira, a meio do “souk” fundado no século XIV por um príncipe mameluque, todo este outro mundo:

Um pátio de pedra ao ar livre com palco improvisado; jovens músicos a afinarem clarinetes, alaúdes, violinos, violoncelos; cadeiras, banquinhos, tapetes, almofadas à espera de gente; chá com hortelã fresca em tabuleiros.

E pouco a pouco, uma plateia repleta de palestinos e membros da comunidade estrangeira, sorrindo, acenando aos conhecidos, sentando as crianças no colo, como se não tivessem acabado de sobreviver ao engarrafamento de religiosos partidários da ocupação.

A alma da noite é Ramzi Aburedwan.

O jovem anfitrião de barba que foi ao centro do palco explicar como o concerto começaria com música clássica, no antigo “hammam” por baixo do pátio.

O violetista que ao som de uma suite de Bach então encaminhou a plateia em fila descendente pelo labirinto de pequenas salas com abóbadas, onde durante séculos os homens se banharam, em repouso.

O intérprete que numa das salas tocou Debussy com um trio de viola, flauta e harpa, na outra integrou uma orquestra de dez músicos interpretando Tchaikovsky, e reconduziu o público à primeira sala, para uma ária de Mozart.

O também tocador de “buzuk”, uma espécie de alaúde, na parte oriental do concerto, de volta ao ar livre, quando todos os instrumentos se encontraram e a voz assombrosa de um menino refugiado de Hebron vibrou em todo o pátio e a soprano francesa se tornou árabe e as famílias na plateia cantaram com ela, batendo palmas.

O congregador de todos estes jovens intérpretes que levavam música aos mais remotos cantos da Palestina, esperando em checkpoints com as suas harpas e os seus violoncelos às costas, e que na véspera tinham passado horas a limpar o velho “hammam”, perfumando-o com

incenso, iluminando-o com velas.

Aquele que hoje à noite, neste terceiro domingo de Agosto, estava convidado para tocar em Ramallah ao lado do israelita Daniel Barenboim, director da Chicago Symphony Orchestra e da Staatsoper de Berlim, fundador da West-Eastern Diwan, uma orquestra que junta músicos árabes e israelitas,

sonhada a meias com o ensaísta palestino Edward Said.

Ramzi teve de declinar o convite, como já fizera duas vezes antes. Implicava muito tempo em ensaios, neste mês em que ele não tem um só dia livre, entre concertos, ateliers para crianças em campos de refugiados e a abertura da sede da sua associação, Al Kamandjati, em Ramallah.

Al Kamandjati significa O Violista.

É a nova vida de Ramzi Aburedwan. A outra intifada do garoto que se tornou um ícone da primeira intifada palestina.

Um buraco num casebre de cimento e zinco, no campo de refugiados de Al Amari, junto a Ramallah. “Era aqui que nos escondíamos quando atirávamos pedras”, aponta Ramzi. “Eu era o chefe do bando.”

Está em casa. Vai apertando mãos e acenando às crianças, ruelas de lama fora, até à porta dos avós. Aqui cresceu e continua a viver.

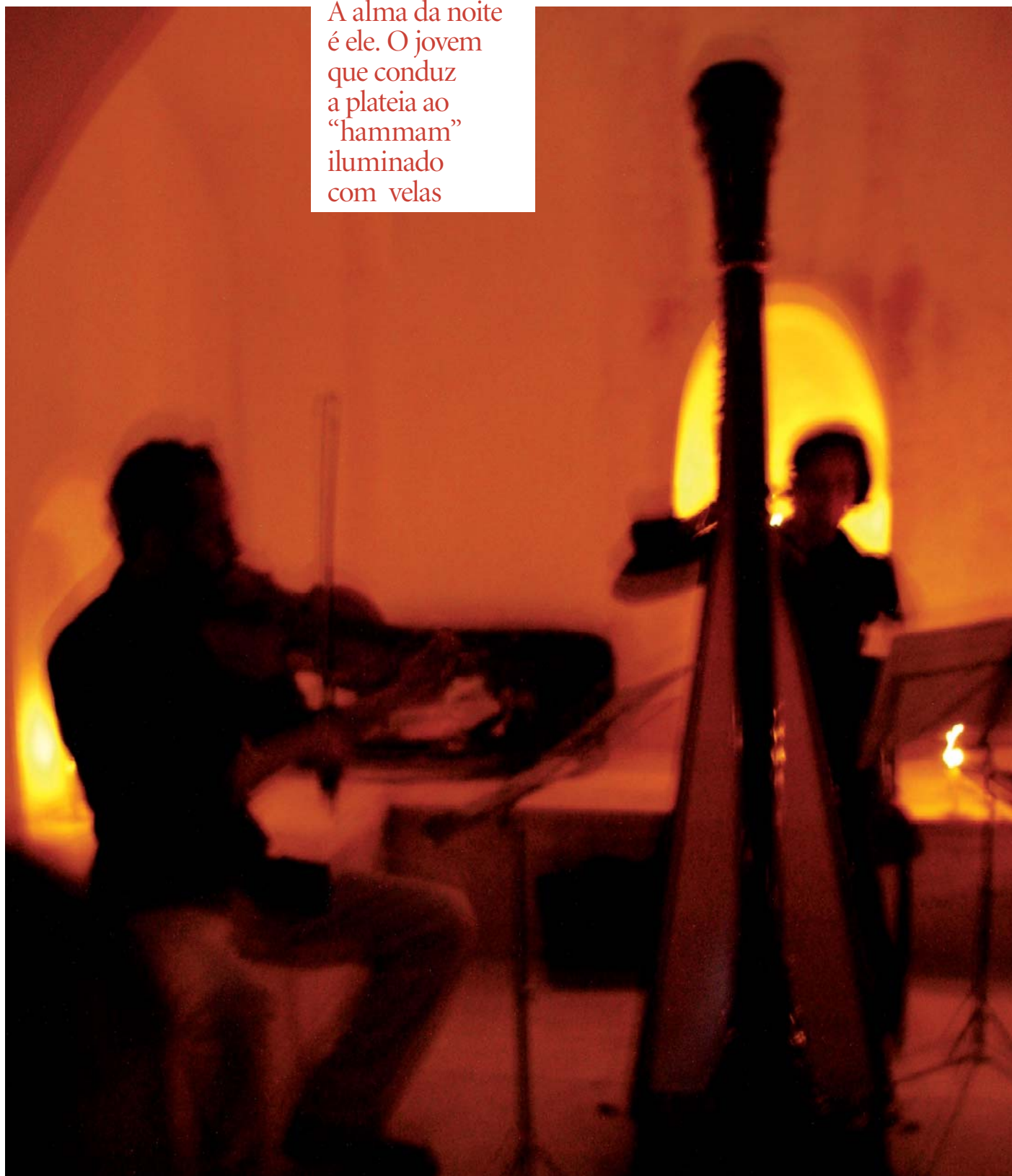
Um dia, quando descobriu que nem toda a gente vivia em campos como este, perguntou ao avô: “Porque estamos assim?” E então o avô contou-lhe a história da Naqba, a Tragédia, em 1948, quando o Estado de Israel foi criado e centenas de milhares de palestinos foram expulsos ou obrigados a fugir das suas casas, refugiando-se em Gaza (então Egipto), na Jordânia (que incluía a Cisjordânia), na Síria e no Líbano. Contou-lhe do pomar de laranjeiras que a família tinha em Ramlah, hoje Israel. Daí vieram os parentes de Ramzi, uns para Gaza outros para este campo de refugiados.

Dentro de casa está fresco. A avó descansa num sofá da pequena sala. Emoldurado na parede, o poster com Ramzi, aos oito anos.

“Foi a primeira vez que atirei uma pedra. Eu vinha da escola com um amigo e começámos a ouvir tiros. Quando olhei para o lado ele estava morto.” Viu os soldados israelitas à sua frente. Agarrou na pedra. Nem pensou que podia morrer. Uma raiva, uma dor, sem medo. Um fotógrafo apanhou-a por →

Era aqui que nos escondíamos quando atirávamos pedras. Eu era o chefe do bando

A alma da noite
é ele. O jovem
que conduz
a plateia ao
“hammam”
iluminado
com velas



→ acaso, e a cara de Ramzi correu mundo, feita poster. Aconteceu em 1987, no começo da Primeira Intifada.

“Meses depois mostraram-me um jornal com a fotografia, não sabia que a tinham tirado”, conta Ramzi no seu francês desenvolto, que facilmente pode mudar para inglês, conforme o interlocutor.

É gentil e firme, de uma inteligência rápida. Um homem franzino muito forte.

Traz o estojo da sua viola, tira o poster da parede e sobe até ao modesto terraço, a única zona da casa com luz suficiente para fotografar.

Dentro do estojo, tem duas fotografias. Vão com ele para onde ele for. Uma da dourada Cúpula do Rochedo, que para qualquer palestino simboliza o direito a Jerusalém. E outra, a preto e branco, com os avós que o criaram.

“O meu pai e a minha mãe separaram-se quando eu tinha quatro anos, e fiquei a viver com o meu pai, em casa dos meus avós.” O pai era porteiro na Universidade Hebraica de Jerusalém. “Quando comecei a atirar pedras, protegia-me muito.”

Ainda assim, Ramzi guarda cicatrizes da Intifada. Aos nove anos, levou um tiro no braço esquerdo. “Por um centímetro não mo amputaram...” Por um centímetro, a música continuou à sua espera.

Depois, levou um tiro numa perna.

E aos 11 anos perdeu o pai.

“Foi morto por um ‘colaborador’.” Um denunciante a soldo de Israel. “O mesmo homem que traiu Marwan Barghouti”, diz Ramzi, referindo-se ao líder da Intifada que está preso numa cadeia israelita, condenado a cinco penas perpétuas.

A infância, depois da morte do pai: “Ajudava o meu avô, distribuía jornais de manhã, à tarde ia à escola. E atirava muitas pedras aos israelitas.”

Até que aos 17 anos, conheceu um músico palestino refugiado na Jordânia. “Ele queria fazer um atelier de música, começou a procurar gente em Ramallah, encontrei-o em casa de uma colega. Tocava viola.”

Ramzi nunca tinha visto esse parente do violino, um pouco maior, um pouco mais grave. “Tocou para mim um pouco de Oum Kalthoum [a Amália da música árabe]. Eu quis experimentar o instrumento e ele motivou-me muito.”

Deu-lhe aulas e ao fim de um mês Ramzi tocou um pequeno concerto. Nem tinha luzes de solfejo. “Ele disse-me que eu avançara num mês o que se avança em seis.”

Ao fim de um ano, aos 18, dá o primeiro concerto a sério no YMCA de Jerusalém. E então entra na sua vida um violetista da Orquestra Sinfónica de Londres, que depois de o ouvir tocar lhe dá aulas e lhe arranja um estágio nos Estados Unidos.

Regressado da América, Ramzi inscreve-se no Conservatório de Ramallah, onde um violetista da Ópera de Paris o encontra, e convence a fazer uma audição. Ganha uma bolsa de estudos para o Conservatório de Angers.

Mal saído da intifada, do campo de refugiados, acha-se assim a viver em França sem saber uma palavra de francês. “Ao princípio foi muito duro. Eu falava só um pouco de inglês. Mas falava por gestos, por expressões. O mais difícil era o solfejo.”

Durante a estadia em Angers, além da viola, faz canto coral, dois anos de harmónica, cinco anos de piano, toca música antiga, toca na Orquestra do Conservatório — e em 2002, com a colaboração de amigos franceses, funda a associação Al Kamandjâti, para fazer chegar a música às crianças palestinas, sobretudo as dos campos de refugiados.

“Era um sonho. Sempre que voltava de Angers, a cada Verão, as crianças vinham ao meu quarto pedir-me que tocasse para elas.” →

Dar às crianças uma outra infância que não seja atirar pedras, também é uma forma de resistir





RAMZI ABUREDWAN

26 anos

Violetista.

Presidente da associação Al Kamandjâti, que leva música clássica e oriental a dezenas de milhares de crianças palestinas.

Nascido e crescido no campo de refugiados de Al Amari, junto a Ramallah, Cisjordânia.

Em 1987, quando tinha oito anos, foi fotografado a atirar uma pedra aos soldados israelitas que tinham acabado de matar um seu amigo, quando voltavam da escola.

A imagem correu mundo, tornando-se um ícone da primeira intifada. Fizeram-se posters, t-shirts e bonés nos países árabes e em vários países europeus.

Nunca soube o nome do fotógrafo que captou a imagem.

→ Envolve músicos e associações francesas, recolhe apoios palestinos e europeus, e começa a fazer duas séries de ateliers e concertos por ano, uma no Inverno, outra no Verão, Palestina fora.

Mais de uma vez toca para Arafat, cercado na Muqata, em Ramallah. Num documentário francês sobre Ramzi, o líder histórico aparece sentado no seu gabinete, a escutar, e depois exuberante, cumprimentando o jovem violetista.

Da Autoridade Palestiniana recebe “apoio oral e moral”, ou seja, dinheiro nenhum.

Três anos e 20 mil crianças depois, neste Verão a seguir à conclusão do conservatório, a AlKamandjâti ganhou um espaço físico. “Arranjámos uma casa antiga em Ramallah, recuperámo-la com ajuda sueca e será o nosso centro. Vai funcionar como escola de música, sala de concertos e biblioteca musical. Temos já mais de mil Cds de música clássica, jazz e africana, e temos livros também. Para frequentar o Conservatório de Ramallah é preciso dinheiro, mas as nossas aulas serão de graça.”

A inauguração foi quarta-feira passada, em concerto.

Na véspera, Ramzi esteve a desempacotar um contentor com duas toneladas de instrumentos enviados de toda a Europa.

Um táxi colectivo, amarelo-torrado-amolgado, a caminho de Nablus. Ramzi viaja como todos os palestinianos. No centro de Ramallah procurou um carro que estivesse a sair nessa direcção e esperou que ele enchesse até ao limite de passageiros.

Cá vai, serpenteando pelas belas montanhas pedregosas do norte da Cisjordânia, com o condutor a acelerar loucamente. Por este ritmo, se tudo correr bem no “checkpoint”, Ramzi chegará mais que a horas do seu atelier, para crianças de um campo de refugiados depois de Nablus.



ALEXANDRA LUCAS COELHO

O menino que cantou no concerto de Jerusalém foi encontrado assim, há dois anos, num campo de Hebron. “Veio ter comigo e disse-me que gostava de cantar. Pedi-lhe que cantasse e fiquei impressionado, com a voz e com a confiança.” Já o levou a cantar em França.

Os restantes músicos que estão a participar na digressão deste ano, os mesmos que também estavam no concerto de Jerusalém, partiram de Ramallah para Nablus de manhã e já estão no lugar onde o atelier vai acontecer.

“É uma antiga prisão”, diz Ramzi, com o carro a dobrar a curva de mais um precipício. “O meu pai esteve lá pre-

so. Fui lá visitá-lo. Esta será a segunda vez que vou entrar lá.”

No “checkpoint”, há que seguir a pé e procurar um carro do outro lado, para os vinte quilómetros que faltam. Sob um sol escaldante, entre a fila de homens e mulheres e crianças que caminham para Nablus, Ramzi fala do poeta palestiniano Mahmud Darwich.

Compôs música para poemas dele no CD “Nous aimons la vie”, o segundo que gravou em França com o colectivo Dalouna, fundindo influências clássicas, jazz e música oriental.

Começa a dizer um verso e de repente está a dizer o poema todo, enquanto passa o “checkpoint”.



“Eu atirava pedras e hoje sou um músico”, diz, já no segundo carro, que contorna Nablus, avançando pelas montanhas desertas. “Atirar pedras é uma forma de dizer que não e fazer um concerto num ‘checkpoint’, como já fizemos, ou no muro [de cimento, que Israel está a construir à volta dos territórios palestinianos], é uma outra forma de dizer que não. Dar às crianças palestinianas a possibilidade de viver uma outra infância, que não quer dizer atirar pedras, também é uma forma de resistir. De dizer que nos querem fazer sentir mortos mas não conseguirão.”

O carro alcança a antiga prisão, lentamente a ser reconvertida num

centro cultural. Pátios com árvores, salas para ateliers de música e pintura, camaratas para alojar quem está de passagem, músicos franceses que se cruzam com jovens palestinianos da região — um deles vem anunciar que quatro portugueses chegarão no dia seguinte, para colaborar na pintura de um mural.

Às cinco da tarde, pontuais, as crianças começam a chegar. Raparigas e mais raparigas e mais raparigas, muitas de cabeça coberta, ao todo 19. E um rapazinho, Eimat, de olhos azuis transparentes, que pula eufórico. Vivem no campo de refugiados de Farah, mesmo ali ao lado.

É um primeiro grupo, encaminhado para a sala onde uma harpista e um

clarinetista os vão fazer tocar sons que nunca ouviram. Os dois músicos só falam umas palavras de árabe, as crianças só falam umas palavras de inglês, hello, yes, no, how are you, what’s your name, mas não faz falta muito mais.

As raparigas sentam-se em cadeiras a toda a volta, com Eimat a balouçar as pernas, que ainda não chegam ao chão. A harpista traz a harpa e uma cadeira para o centro, faz soar as cordas, que têm cores, vai chamando um a um a sentar-se, guia-lhes o corpo, as mãos. Eimat, que esperou ansiosamente a sua vez, é todo concentração quando finalmente agarra nas cordas, espreitando entre elas.

O clarinete, que é mais transportável, passa de mão em mão. Os primeiros a soprar dão pulos, do susto.

Noutra sala, com outro grupo, está a soprano da noite de Jerusalém, com um “buzuk” nas mãos.

E entre todos eles, de um lado para o outro, Ramzi.

A partir de Setembro, quando esta digressão de concertos e ateliers por Hebron, Jerusalém, Belém, Nablus e Ramallah terminar, vai começar a dar aulas em campos de refugiados. Agora que acabou o conservatório, terá como base Ramallah, onde está a associação, e o campo de refugiados de Al Amari, onde está a casa dos seus avós.

Tem o seu grupo em França, tem projectos para tocar com Barenboim em 2006, tem amigos pela Europa, podia estar em qualquer lugar do mundo. Mas vai continuar a apanhar vários autocarros cheios, a esperar horas na fronteira com a Jordânia, para ir a Amã apanhar um avião, sempre que tiver de ir ao estrangeiro.

“Politicamente, não confio em ninguém. Só acredito nas crianças, em preparar uma nova geração, ajudá-las a saberem mais, a serem pacíficas. Quero ficar aqui enquanto as coisas não estão bem. Quando tudo estiver bem, muita gente vai vir, muitos palestinianos vão voltar. Mas agora é que é preciso.”

Não é uma escolha. É uma evidência.

Se Ramzi está aqui, foi porque um dia alguém lhe mostrou uma viola. ●